

CASA PINTO DE SOUSA EM OFIR:

A relação entre a arquitetura e a paisagem

PINTO DE SOUSA HOUSE IN OFIR

The relationship between architecture and landscape

Andreia V. Quintas, arquiteta paisagista

Professora Auxiliar, Faculdade de Ciência e Tecnologia da Universidade Fernando Pessoa
Investigadora no Laboratório de Estudos e Projetos da Universidade Fernando Pessoa
(avquintas@ufp.edu.pt)

Ana Amorim, arquiteta

(anacouraamorim@gmail.com)

RESUMO

A Casa Pinto de Sousa, construída em 1984, em Ofir (concelho de Esposende), constitui uma das obras de maior relevo do arquiteto Alcino Soutinho. Detentora de uma arquitetura funcional, especificamente dirigida ao cliente e inspirada no território, é notória uma forte ligação com a paisagem envolvente, marcada pelo caráter natural. Situando-se num pinhal costeiro, na restinga que separa o oceano do estuário do Rio Cávado, esta zona caracteriza-se pela sua relevância ecológica, fragilidade ambiental, mas também pelo ambiente de tranquilidade e contacto com a natureza.

Neste artigo, pretende-se estudar a relação entre o natural e o construído, analisando a forma como o edifício se enquadra na paisagem envolvente, verificando as relações visuais, funcionais e representativas existentes, na perspectiva de que toda a obra arquitetónica se encontra, desde o projeto à sua utilização, associada com a paisagem em que se integra e à qual passa a pertencer.

Palavras-chave

Alcino Soutinho, paisagem, áreas costeiras, Pinhal de Ofir

ABSTRACT

Pinto de Sousa House, built in 1984, in Ofir (municipality of Esposende), is one of the most important works by the architect Alcino Soutinho. Having a functional architecture, specifically aimed at the client and inspired by the territory, it has noticeable strong connection with the surrounding landscape, distinct by the natural character. Located in a coastal pine forest, in the sandbank separating the ocean from the Cávado River estuary, this area is characterized by its ecological relevance, environmental fragility, but also by the atmosphere of tranquility and contact with nature.

In this article, we intend to analyze the relationship between the natural and the built, investigating the way in which the building is articulated with the surrounding landscape, verifying the existing visual, functional and representative relationships, in the perspective that all the architectural work is, from the project to its use, associated with the landscape in which it is integrated and to which it belongs.

Keywords

Alcino Soutinho, landscape, coastal areas, Ofir Pine forest

1. INTRODUÇÃO

A Paisagem pode ser definida como “*uma parte do território, tal como é apreendida pelas populações, cujo carácter resulta da ação e da interação de fatores naturais e/ou humanos*” (Convenção Europeia da Paisagem, 2000). É constituída pela relação entre o ambiente natural e construído, os quais são indissociáveis, formando um caráter único, que se pode observar, experienciar e compreender.

A paisagem pode ser vista e interpretada em várias escalas, desde as mais abrangentes (como a nacional e regional), passando pelas mais restritas (como a municipal e local), às mais íntimas e específicas (como a envolvente imediata). Em todas estas se pode observar, de forma mais ou menos direta, a relação entre o construído e o natural, podendo esta ser física, funcional, ou mesmo simbólica.

Na conceção de um projeto de arquitetura, esta relação ou influência da paisagem envolvente, propositada ou involuntária, encontra-se sempre presente, podendo resultar numa relação simbiótica, onde o edifício se adequa à paisagem de forma harmoniosa, ou na criação de uma dissonância, onde o edificado se impõe na paisagem, deixando visível a marca humana. Estas duas formas de criação arquitetónica encontram-se patentes na forma de construir aliada à Grécia antiga e ao Império Romano, já que enquanto os gregos tentavam enquadrar-se na paisagem envolvente, adequando o edificado à paisagem, na sua escala e significado, os romanos pretendiam sobrepor-se à paisagem, construindo em grandes proporções (Jelicoe e Jelicoe [2000]).

De acordo com Jelicoe e Jelicoe [2000], a essência intuitiva do planeamento grego, baseada no *genius loci* (ou essência do lugar), assumia que todas as formas arquitetónicas, desde os templos, teatros, ágora e habitações, eram subsidiárias e compostas por paisagens naturais. Já os romanos, com um planeamento mais ordenado, apesar de exaltar os princípios de forma usados pelos gregos, demonstraram uma relação de domínio da paisagem natural, realçada pela harmonia de opostos entre a ordem humana e a natureza bravia.

A relação entre a arquitetura e a paisagem refletem-se tanto na envolvente imediata (o lugar ocupado pelo edifi-

cio), como na paisagem mais alargada, a qual impõe restrições (legais, sociais ou éticas), mas também inspira a nova obra.

All buildings have a relationship with their immediate site and their larger landscape. Some buildings simply occupy their site, taking up the necessary area for their foundation, and use the landscape only as a place upon which to perch. Other buildings use the landscape as a positive attribute of the building: the building and its site are intensified aspects of the landscape. A direct exchange, association and interdependence between building, landscape and user allows the building to be part of its landscape, and, by extension, also allows the user to inhabit the landscape. (Parker, 1984, p. 9)

No caso da arquitetura residencial, existe uma relação muito próxima entre o arquiteto, o cliente e o território, de modo que no produto final haja a marca de cada um destes elementos. A forma e o volume do edifício contrastam com a paisagem natural envolvente, que, de certa maneira, serve de inspiração, tanto no projeto como no significado, influenciando a sua vivência.

A Casa Pinto de Sousa, construída em 1984, na mata de Ofir (no concelho de Esposende), e constituindo uma das obras de maior relevo do arquiteto Alcino Soutinho, não foge a este padrão, refletindo uma forte relação com a paisagem envolvente, na qual se inspira e enquadra. Na sua obra, as habitações são concebidas pelo arquiteto, projetadas para as famílias, influenciadas pelo panorama político, social e pessoal, pela experiência, trabalho, viagens e vivência, mas também inspiradas na paisagem. As casas são criadas em específico para cada família, adaptadas aos diferentes usos e apropriação, embora possuindo o toque do arquiteto. Adquirem a sua identidade, pela forma como são concebidas, pelo traçado, materiais, cores, formas e escala, mas também pelo modo como depois são vivenciadas, apropriadas ao longo do tempo, tornando-se um lar e crescendo com os seus habitantes (Moreira, 2020).

Criada como segunda habitação, a obra foi encomendada por João Pinto de Sousa, numa zona tradicionalmente visitada pela família, no verão, e onde pretendiam uma casa de férias. Na altura, a mata de Ofir constituía já uma zona

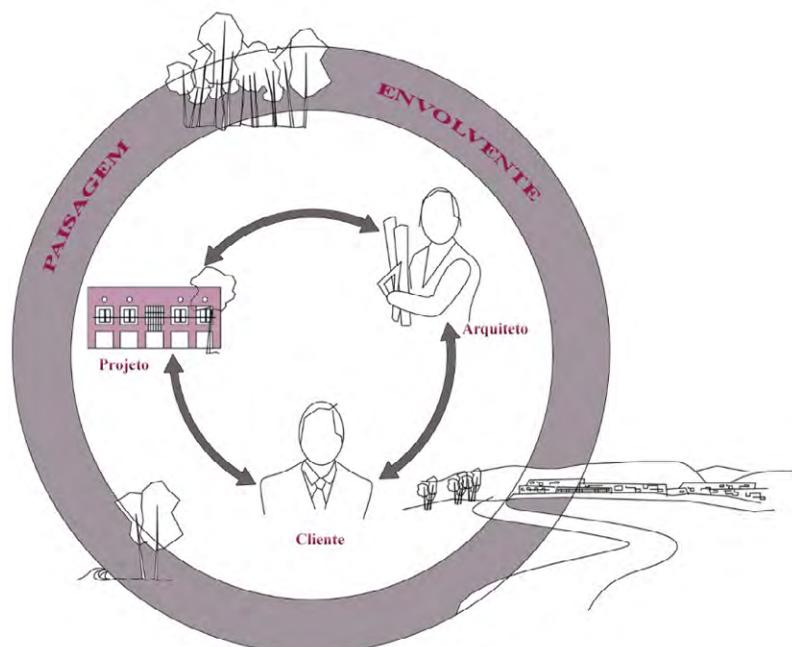


Figura 1. Relação entre o projeto, o arquiteto e o cliente, influenciada pela paisagem envolvente.

Fonte: Andreia V. Quintas e Ana Amorim.

muito almejada, em especial pelas classes altas, para construção de segunda habitação, numa zona próxima do mar e rio, onde poderiam encontrar tranquilidade e serenidade, numa paisagem de harmonia com a natureza.

A habitação ocupa uma posição de destaque no lote, encontrando-se envolta num vasto relvado pontuado por árvores, onde ainda perduram alguns dos pinheiros existentes antes da sua construção. A sul, situa-se a piscina, inserida no relvado, e gozando de uma ampla relação visual com a casa, na fachada onde se abrem grandes janelas para o exterior, o que enfatiza ainda mais esta interdependência.

O edifício não exhibe apenas uma íntima relação com o espaço exterior envolvente, patente nos eixos, relações visuais e funcionalidade dos espaços. Integra-se também na paisagem mais alargada, formando parte da zona habitacional que foi adquirindo, ao longo dos anos, um carácter próprio, onde a arquitetura se funde com o meio ambiente, em que o edificado se vai integrando na mata, e que é vista e experienciada com base nesta relação.

A paisagem envolvente é simultaneamente uma condicionante e uma oportunidade, já que as várias restrições naturais do local (tal como o solo arenoso e a proximidade do

oceano e rio) evidenciam um desafio a nível estrutural e de minimização do risco de cheia, ao mesmo tempo que o pinhal envolvente se torna uma inspiração ao desenho e à utilização, o qual se mostra evidente no projeto e na forma como a habitação tem evoluído ao longo do tempo.

Neste artigo pretende-se demonstrar esta relação, analisando a maneira como o edifício se relaciona com a paisagem envolvente, verificando as relações visuais, funcionais e representativas existentes. Primeiramente, efetua-se este estudo numa perspetiva mais abrangente, analisando o contexto territorial, nas suas características biofísicas, socioeconómicas e evolutivas, e o modo como o edifício se integra na paisagem. Parte-se depois para um estudo mais localizado, verificando como o exterior da casa se articula com o interior e como esta relação influencia a vivência da habitação e perceção do edifício.



Figura 2. Enquadramento geográfico da Casa Pinto de Sousa: a localização costeira no Concelho; a relação com o Rio Cávado e a Cidade de Esposende; e a situação urbana.

Fonte: Andreia V. Quintas e Ana Amorim; Base cartográfica: CAOP, 2020; ESRI, 2021.

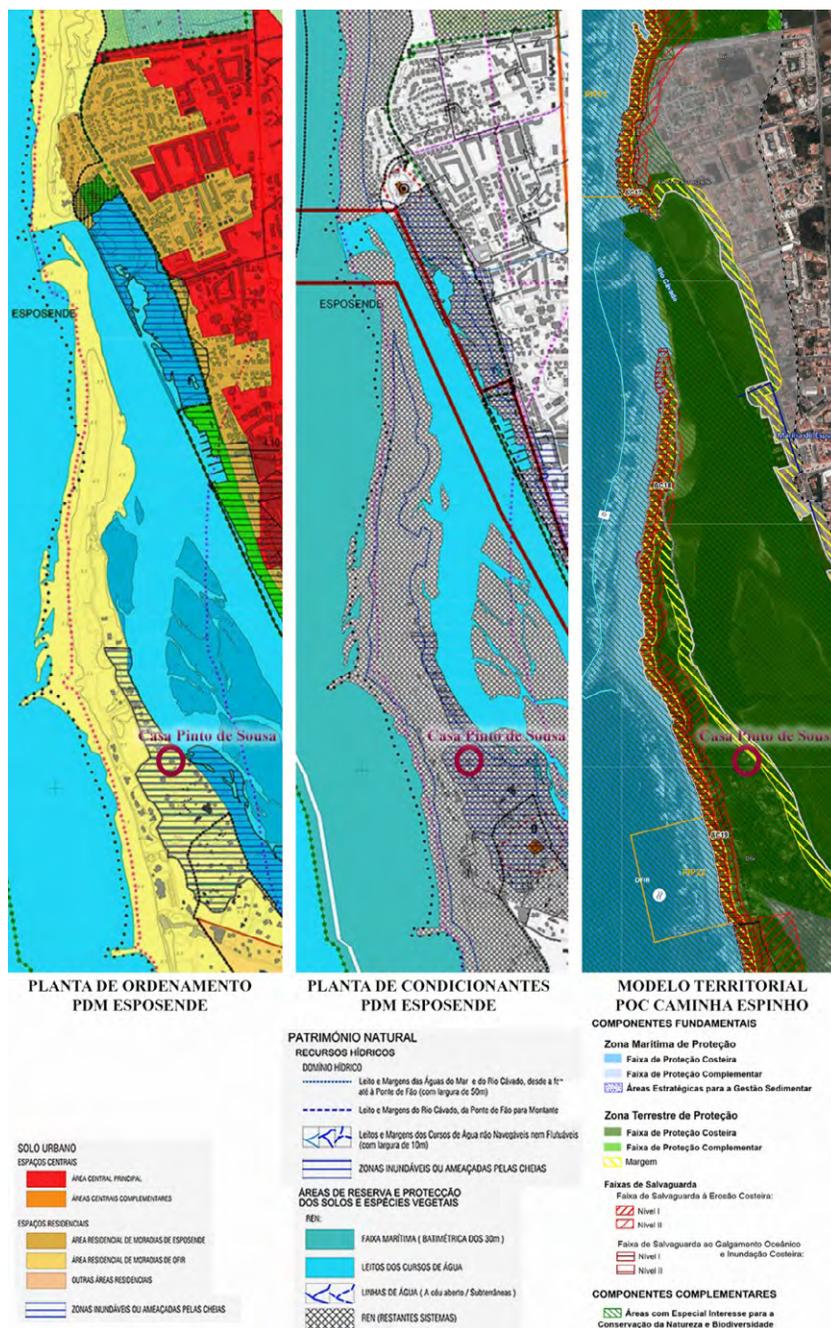
2. CONTEXTO TERRITORIAL E EVOLUTIVO DA PAISAGEM DA CASA PINTO DE SOUSA

A Casa Pinto de Sousa localiza-se no concelho de Esposende, no pinhal de Ofir, uma vasta área florestal situada na restinga de Ofir. A restinga constitui uma faixa de terreno arenoso na transição entre o Rio Cávado e o Oceano Atlân-

tico, que desempenha um papel essencial na proteção da cidade de Esposende, impedindo a entrada da agitação marítima no Rio Cávado.

Foi erigida numa zona de moradias, das quais a maioria constitui segunda habitação, formando uma zona habitacional de caráter muito especial. Nesta zona, as habitações

Figura 3. Enquadramento da Casa Pinto de Sousa nos Instrumentos de Gestão Territorial: Plano Diretor Municipal de Esposende (Planta de Ordenamento e Planta de Condicionantes); Programa da Orla Costeira Caminha – Espinho: Modelo Territorial.
 Fonte: Andreia V. Quintas e Ana Amorim;
 Base cartográfica: PDM Esposende, 2015; POC CE, 2021.



dispõem-se em lotes de grandes dimensões, paralelos à linha de costa marítima ou ao estuário do Rio Cávado, encontrando-se a zona central da restinga mais naturalizada, e embora aqui também se possam encontrar habitações, estas surgem mais dispersas. Os edifícios, em geral com um ou dois pisos, encontram-se isolados, assumindo posições de destaque no terreno, envolvidos por grandes relvados,

e sendo frequente a existência de piscina, o que enfatiza o seu caráter de residência de veraneio.

A especificidade desta área reflete-se na sua classificação, no âmbito do Plano Diretor Municipal de Esposende, na categoria de "espaços residenciais – área residencial das moradias de Ofir". Destina-se em especial ao uso habitacional, mas po-

dendo ter outros usos complementares, tal como atividades comerciais, de serviços ou turísticas, espaços públicos, espaços verdes e de utilização coletiva e equipamentos urbanos, o que contribui para a continuidade do caráter deste local.

A Casa Pinto de Sousa localiza-se na zona mais interior da restinga, próxima do Rio Cávado, embora não possua relação direta com este elemento natural. Encontra-se, assim, numa zona de grande interesse ecológico, porém, elevada fragilidade, o que justifica a sua integração em Reserva Ecológica Nacional (REN) e classificação como zona ameaçada pelas cheias. Adicionalmente, integra-se no Parque Natural do Litoral Norte, assim como na Zona Especial de Conservação “Litoral Norte” (PTCON0017), demonstrando o elevado interesse ecológico e biológico deste local.

O Parque Natural do Litoral Norte consiste numa Área Protegida com 8.762 hectares (1.317 em área terrestre e 7.445 em área marinha e/ou estuarina), que se estende ao longo de 16 Km de costa. Além dos sistemas costeiros (detendo o cordão de dunas atlânticas mais extenso e melhor conservado do norte do nosso país), possui importantes habitats estuarinos. O Parque foi criado em 2005, tendo como território base a Área de Paisagem Protegida do Litoral de Esposende, existente desde 1987. Por sua vez, as Zonas Especiais de Conservação (ZEC) constituem áreas que integram a Rede Natura 2000, uma rede ecológica para o espaço comunitário da União Europeia, que visa a conservação das espécies e dos habitats mais ameaçados da Europa.

Tal como o Parque Natural, também a ZEC “Litoral Norte” possui a particularidade de integrar tanto zona terrestre (2.048 hectares) como marinha (492 hectares), totalizando uma área superficial de 2.540 hectares, que se distribui pelos concelhos de Caminha, Esposende e Viana do Castelo. Nesta área costeira, destacam-se os habitats dunares, com especial relevância para as dunas móveis do cordão litoral (dunas brancas – habitat 2120¹) onde ocorre a espécie *Am-*

mophila arenaria e as dunas fixas com vegetação herbácea (dunas cinzentas – habitat prioritário 2130) onde se podem observar os endemismos lusitanos *Coincya johnstonii* e *Jasione lusitanica*. Mais para interior, pode encontrar-se o sistema estuarino de características atlânticas, representado pelo habitat 1130 – estuários (ICN, 2008).

Os estuários correspondem aos troços finais dos rios, estendendo-se desde a foz até ao limite das águas salobras ou ao limite da influência das marés. Ocupam áreas protegidas por reentrâncias da costa, sendo zonas costeiras de baixa energia, menos sujeitas à agitação e às correntes marítimas, mas onde existe um contacto permanente entre a água doce fluvial e a água salgada marítima, com diferenças de salinidade e a nível da densidade. Estas condições permitem a deposição de sedimentos finos e a formação de lodaçais e bancos arenosos e/ou limosos, submersos durante a preia-mar, tornando-se propícias à ocorrência de um elevado número de comunidades vegetais. O estuário do Rio Cávado é ainda essencial para um conjunto diverso de aves aquáticas, sobretudo invernantes, das quais se destacam o mergulhão-de-pescoço-preto, o corvo-marinho-de-faces-brancas, a garça-branca, a águia-pesqueira e o galeirão.

Também o pinhal de Ofir, onde se situa a Casa, constitui uma vasta área florestal com grande interesse ecológico e ambiental. Localizado no litoral de Esposende, a sua plantação data do início do século XX, como forma de travar o avanço das areias, salvaguardando o território e protegendo pessoas e bens. Esta área vinha já a ser usada, desde o século XIX, para produção de madeira (em especial como matéria-prima para a construção de barcos) e, após o término do ímpeto na construção naval, o Pinhal passou a ter outras funções, além da produtiva, nomeadamente a habitacional.

Deste modo, a partir da década de 70, a área de Fão, cuja vila teve origens piscatórias, tornou-se num dos mais procurados destinos de férias do norte de Portugal, em virtude das condições biofísicas, como também antrópicas, com a oferta de diversos equipamentos e a facilidade de acesso providenciada pela rede viária. Este cenário proporcionou a conjuntura ideal para o investimento numa área residencial, integrada numa zona de fortes características naturais. Destinando-se, em especial, ao veraneio das classes altas,

¹ O código dos Habitats corresponde ao código Natura 2000, um código sequencial composto por quatro caracteres, de acordo com a Diretiva n.º 92/43/CEE do Conselho, de 21 de Maio de 1992, relativa à preservação dos habitats naturais e da fauna e da flora selvagens.

formou-se, assim, uma zona privilegiada, integrando lotes de grandes dimensões, formando quarteirões irregulares. As tipologias de baixa densidade possibilitavam a construção do edifício isolado, envolvido por extensos jardins, num ambiente resguardado e permitindo tranquilidade e qualidade de vida, em contacto permanente com a frente ribeirinha e a praia (Venda, 2019; Moreira, 2020).

A construção no Pinhal de Ofir havia já iniciado nos anos 50, após a edificação, na década anterior, do Hotel Ofir, impulsionando o turismo pelas famílias mais abastadas do Norte. Em 1958, foi construída a Casa de Ofir, projeto do arquiteto Fernando Távora, seguindo-se décadas de procura e construção, tanto privada como hoteleira, com a criação de hotéis, estalagens, restaurantes, cafés, estabelecimentos de comércio, e equipamentos de diversão. No início dos anos 70, foram erigidas as duas primeiras Torres de Ofir, seguindo-se a criação de novas edificações na frente marítima, nomeadamente na duna primária. O grande impulso da construção de residências secundárias perdurou até aos anos 90, continuando atualmente a edificação no Pinhal, embora com menor ímpeto. Apesar de constituir um fenómeno sazonal, o turismo passou a ter um lugar privilegiado na socioeconomia de Ofir (Venda, 2019).

A forte pressão urbano-turística, tirando partido da situação paisagística de excelência deste local, constitui o principal fator de ameaça sobre estas áreas tão sensíveis, a par com a erosão costeira acelerada. A construção causou grande impacto ao sistema dunar, provocando a degradação destes habitats que atuam na proteção costeira, funcionando como barreiras. Também a restinga da foz do Cávado apresenta elevada dinâmica, tendo vindo continuamente a decrescer (devido à diminuição da deposição de sedimentos) e existindo a possibilidade de vir mesmo a desaparecer.

De forma a inverter esta situação, em 1987, foi construído o primeiro esporão, na zona a norte das Torres de Ofir, na tentativa de proteção das habitações existentes, mas esta obra teve como consequência o aceleração do processo de erosão da praia. Neste sentido, foram construídos mais dois esporões a sul deste: o esporão de Ofir e o esporão de Pedrinhas, na Apúlia (Venda, 2019).

Recentemente foi aprovado o Programa da Orla Costeira Caminha-Espinho (APA, 2021), que estabelece para este território uma visão centrada numa orla costeira resiliente, desenvolvida e sustentável, numa perspetiva integrada, articulando a defesa da linha de costa, a salvaguarda de pessoas e bens, a preservação do património natural, cultural e paisagístico, bem como o aproveitamento e valorização económica dos recursos territoriais. No modelo territorial desenvolvido no âmbito deste Programa, a Casa encontra-se integrada na Faixa de Proteção Costeira, a zona onde se localizam os elementos mais representativos dos sistemas biofísicos costeiros, nomeadamente os sistemas praia-duna e as formações vegetais associadas, assim como em Áreas com Especial Interesse para a Conservação da Natureza e Biodiversidade (áreas de maior riqueza ambiental e ecológica).

A Faixa de Proteção Costeira, onde se localizam os elementos mais representativos dos sistemas biofísicos costeiros, nomeadamente os sistemas praia-duna e as formações vegetais associadas, representa uma parte muito significativa da área de intervenção do POC-CE. Tendo em conta as funções desempenhadas por estas áreas, afigura-se indispensável compatibilizar os diferentes usos e atividades específicas da orla costeira com a vulnerabilidade dos sistemas biofísicos costeiros, impondo-se um conjunto de normas específicas, com incidência territorial urbanística, que se sobrepõe ao regime de uso, ocupação e transformação do solo estabelecido pelos planos territoriais (POC-CE, 2021, pp. 35-36).

Gera-se a necessidade de condicionar a atividade turística e a expansão urbana, ordenando as atividades de recreio e lazer, assim como a acessibilidade às praias, condicionamentos que não apenas irão beneficiar o estado de conservação dos habitats, mas também a manutenção do carácter do local, mantendo-o com as condições de tranquilidade e ligação com a natureza que tanto se tornaram atrativas para o homem.

A Casa Pinto de Sousa foi construída numa época de poucas restrições urbanísticas (prévia à Lei de Bases da Política do Ordenamento do Território e Urbanismo, publicada em 1989) e encontra-se implantada numa zona de elevada

fragilidade natural e importância ecológica, o que justifica a existência desta área habitacional numa zona de elevada fragilidade ecológica. Atualmente, as condicionantes legais restringem bastante as atividades e usos que aqui podem ocorrer como forma de proteger os valores naturais existentes, mas especialmente como forma de minimização dos riscos que podem advir (como cheias, inundações, erosão e galgamentos costeiros). Apesar destes riscos já se verificarem na altura da sua implantação, hoje-em-dia assumem uma maior preponderância. Contudo, denota-se que a tipologia edificatória existente privilegia o enquadramento natural, mantendo, sempre que possível, muitos dos elementos que caracterizam esta paisagem, fortalecendo a relação entre a arquitetura e a natureza, estabelecendo um caráter em que a proteção ecológica surge associada de forma intrínseca.

3. CONTEXTO LOCAL DA CASA PINTO DE SOUSA: RELAÇÃO INTERIOR-EXTERIOR

Na envolvente imediata, pode observar-se o vasto pinhal onde se situa a casa, gozando de uma envolvente de tranquilidade e ligação ao meio natural. De acordo com Soutinho (1986, *in* Diogo, *et al.*, 2021, p. 9), o projeto da Casa Pinto de Sousa requer a interpretação do lugar, da paisagem onde se integra: “um pinhal em Ofir, muito distante dos ruídos e preocupações da cidade, isolado. Como estímulo tem “apenas” um pensamento sobre as raízes (sem folclorismo), a natureza (sem naturalismo) e o desejo do Sol (sem bronzeador)”. Pretendia-se que a habitação constituísse um local de refúgio e sossego, enquadrado com o espírito de férias. Em 2013, a propósito do desafio que foi projetar esta casa, Alcino Soutinho referiu ainda, em entrevista a Manuel Graça Dias (1993), que

[...] os arquitetas necessitam de estímulos e de condicionamentos que os agarrem a determinadas soluções... quando não há nada, a não ser um pinhal em torno, um terreno muito bonito, [...] um pinhal do norte, fica-se um pouco perplexo como arrancar com uma situação destas, com uma solução arquitetónica como resposta a este ambiente natural. Eu entendi-o como um objeto, como um objeto isolado [...] que vale por si próprio, e que procura [...] sol, e portanto esta casa

inclusivamente tem a sua cobertura ao contrário, no sentido de ir buscar essa insolação que o pinhal retira.

Esta habitação unifamiliar em Ofir assume-se, então, como o objeto isolado que é, sem referências, e que, valendo por si próprio, agarra-se e enquadra-se harmoniosamente no território onde se insere. Dada a sua singularidade, é considerada uma das obras de cariz habitacional mais relevantes de todo o percurso de Soutinho, sendo um perfeito exemplar da sua obra. Datada de 1984, enquadra-se na denominada segunda fase da sua arquitetura, altura em que a marca do arquiteto se afirma, (re)interpretando a obra dos seus mestres, tal como Adolf Loos e Alvar Aalto, mas com o devido distanciamento de arquiteturas já praticadas. “O pensamento enquanto arte total está patente em toda a casa, cada objeto que a compõe foi desenhado e projetado por Alcino Soutinho, numa tentativa de expressão arquitetónica suprema.” (Moreira, 2020, vol. 1, p. 76)

O edifício desenvolve-se em dois pisos de planta retangular, possuindo uma orientação norte-sul que lhe permite tirar um melhor partido do terreno de suporte, possibilitando o desenvolvimento do espaço exterior. Apesar de constituir uma segunda habitação, foi pensada como se pudesse ser permanentemente habitada, situação que acabou mesmo por ocorrer. A casa apresenta várias características do autor, tal como a “experimentação, durabilidade, plasticidade, a riqueza dos materiais, a valorização da luz e da transparência, e a pureza no traço arquitetónico” (Diogo, *et al.* 2021, p. 17). O arquiteto sustenta esta criação numa constante relação de proximidade e de colaboração com o cliente, com uma arquitetura que, agarrada ao modo de habitar, resulta numa abordagem mais intimista e numa conceção mais personalizada, criando uma verdadeira afinidade com quem a habita. Os conceitos inerentes à obra “resultam duma expressão que é composta a partir de várias relações, as mais significativas com a envolvente e as referências arquitetónicas sólidas” (Moreira, 2020, vol. 1, p. 124).

Cremascoli descreve a casa como

[...] o mais português dos seus projetos, na distribuição, no desenho do pormenor, na utilização de materiais tradicionais: carpintaria de madeira, pedra, rebocos, telha. Mas também

um tributo à Escola de Viena (Adolf Loos), a aparente austeridade dos volumes exteriores, que no interior se traduzem em cortes sinuosos e sistemas de iluminação natural de tradição nórdica (ainda Alvar Falto). (Cremascoli, 2013, p. 16).

A fachada norte da casa, quase toda ela fechada, inclui o momento de entrada e uma escadaria que liga o rés-do-chão ao piso superior que se destaca pelo seu cariz escultórico, contrastando com a fachada sul, marcada pela abertura de grandes vãos, simétricos e ritmados e por pequenas entradas de luz em forma de óculos circulares.

A relação de enquadramento da casa com o exterior surge de forma bastante expressiva, na sua escala, volumetria e linhas, como também na contraposição cromática, com o rosa das paredes exteriores a contrastar com o verde da caixilharia que harmoniza com a paisagem (Figueira, 2016). As linhas retas e a rigidez dos volumes contrastam com a simplicidade, verticalidade e leveza da natureza em redor, ao mesmo tempo que se lhes aparentam na forma e significado.

Do interior, as janelas proporcionam verdadeiros quadros vivos da paisagem envolvente, que pode ser observada a partir de distintos ângulos e perspetivas. Na fachada sul, com orientação solar mais favorável, a casa abre-se em todo o esplendor para o jardim e piscina. O edifício desenvolve-se num amplo espaço relvado, uma clareira que desempenha a função estética de enfatizar o volume construído, mas também proporcionar uma área de atividade no exterior, um espaço livre, de descanso e contemplação, mas que ao mesmo tempo também permite o recreio ativo.

Ao nível de distribuição funcional e espacial, o piso térreo assume a função social, destacando-se a presença da sala de estar, sala de jantar e cozinha, e o piso superior acolhe as áreas privadas, no qual “todas as divisões de pé-direito alto, demonstram o desenho da cobertura, com pendentes e ângulos que denunciam a complexidade da sua conceção e construção” (Moreira, 2020, vol. 1, p. 75). A forma como os espaços interiores se articulam evidencia a clara verticalidade desta habitação, visível logo a partir do momento de entrada, marcado por um pé-direito duplo. Em contraste com o esquema de cores escolhido para as fachadas do edifício, o in-

terior, minuciosamente pensado e desenhado pelo arquiteto, pauta-se por tonalidades claras e relaxantes. Aqui, não existem espaços de mera decoração; os espaços de Alcino Soutinho são sempre desenhados com o intuito de serem usados e vivenciados, espaços feitos à medida de quem os habita.

Os dois andares da habitação proporcionam distintas relações com o exterior, tanto funcionais como visuais. A fachada sul, onde se localizam as áreas sociais (sala, quartos e cozinha), possui uma clara ligação direta com o exterior, permitindo a passagem, uma ampla visibilidade, assim como podendo obter mais iluminação e luz do sol.

As quatro grandes portadas que se abrem ao nível do rés-do-chão proporcionam o contacto direto com o exterior, permitindo aceder ao jardim e à zona da piscina. Das janelas, pode observar-se o amplo relvado, que se torna quase um tapete verde que quer entrar na casa. A janela da sala, com orientação poente, permite ver os troncos texturados dos pinheiros, os arbustos e sebes, como se de mais um quadro da casa se tratasse.

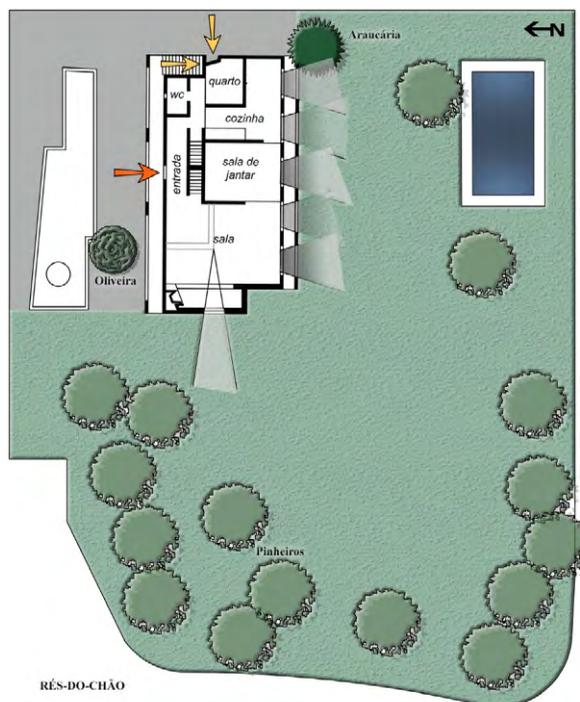
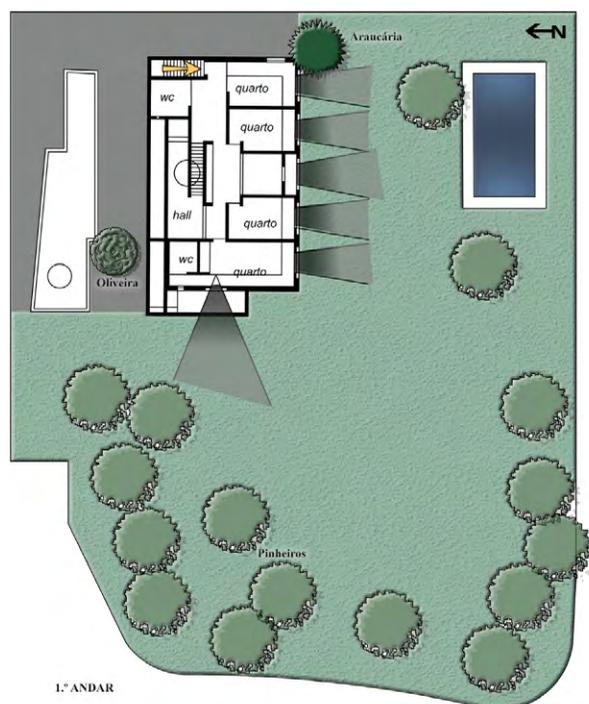


Figura 4. Relação do rés-do-chão da Casa com o exterior. Fonte: Andreia V. Quintas e Ana Amorim.

No andar superior, a zona social continua a ocupar a fachada com orientação sul. Na zona central, pode observar-se a sala de jantar, em baixo, encontrando-se a janela semioculta pela grande trepadeira que para aqui foi orientada. Mais uma vez se tem um quadro vegetal, uma pintura viva, que vai mudando ao longo do ano, e através dos anos.

Das grandes janelas dos quartos pode observar-se novamente o jardim, mas desta vez de uma altura superior, enfatizando-se as copas das árvores. Sobre estas janelas existem óculos redondos, que mais uma vez possibilitam uma diferente perspetiva, mais alta, onde as copas parecem tocar o céu.

Junto à casa, no seu vértice sudeste, encontra-se a grande araucária. Trata-se de uma espécie introduzida em Portugal continental no século XIX, e que foi integrada nos jardins portugueses, como símbolo de riqueza e poder, devido ao seu porte e estrutura singular. Na altura da construção do edifício, tratava-se ainda de um pequeno exemplar que com o tempo foi crescendo, exibindo uma relação mais próxima com a habitação, tanto a nível de escala como cromática.



1.º ANDAR

Figura 5. Relação do 1.º andar da Casa com o exterior. Fonte: Andreia V. Quintas e Ana Amorim.

Na zona norte, entre a casa e a garagem, localiza-se atualmente uma oliveira (*Olea europaea*), espécie que veio substituir o pinheiro que anteriormente aqui existia. Árvore perenifólia, frutífera e ornamental, originária da região do Mediterrâneo, tem um porte pequeno, possuindo uma copa ampla e arredondada. A sua folha persistente, de cor verde-acinzentada na página superior e prateada na inferior, contrasta com o fruto oval. Constitui uma espécie bastante usada, tanto nos jardins, como a nível agroflorestal, pelo interesse alimentar, mas também pela madeira, de elevada resistência. Trata-se de uma das espécies vegetais mais emblemáticas de Portugal, associada à cultura do país, símbolo de sabedoria, paz, força e vitalidade. O tronco retorcido, a sua rusticidade e a coloração das folhas constituem características que a tornam uma das mais usadas em Arquitetura paisagista, demonstrando um caráter rural, mas ao mesmo tempo elegante. A sua presença na entrada mostra-se como símbolo de simplicidade, mas também acolhimento, numa estrutura vegetal e cromática que combina com as linhas do edifício.

Contudo, a espécie vegetal que mais impera neste espaço verde, tal como na sua envolvente, é o pinheiro-bravo (*Pinus pinaster*), uma espécie resinosa, de elevado porte, com tronco direito, esguio e copa primeiramente piramidal, tornando-se depois arredondada. Trata-se de uma espécie que cresce espontaneamente em todo o litoral mediterrâneo, apresentando elevado interesse económico, tanto pela madeira (durável, resistente e pouco flexível), como pela extração de resina.

Sendo uma espécie pouco exigente, resiste bem a solos pobres de texturas ligeiras e dá-se em especial nos solos arenosos, razão pela qual é usada, desde há longos anos na arborização das dunas litorais, já que fixa as areias e serve de proteção contra o vento. É nesta perspetiva que, em Portugal, o pinheiro-bravo tem vindo a ser plantado desde os séculos XII e XIII, como forma de “contenção das areias litorais que, pela força dos ventos, invadiam campos de cultivo e se acumulavam na foz dos rios” (Sousa, 2020, p. 1). O exemplo mais emblemático desta utilização é o pinhal de Leiria, mandado plantar no século XIII pelo rei D. Afonso III, e ampliado por ordem de D. Dinis, entre 1279 e 1325, com a realização de sementeiras ao longo da costa. Na época dos Descobrimen-

tos, a madeira do pinheiro era usada na conceção dos navios, sendo a resina utilizada como calafetagem, mas podendo ter muitas outras utilizações no quotidiano, tanto como matéria-prima como fonte de energia e aquecimento.

A sua presença no Pinhal de Ofir associa-se à proteção desta zona costeira, verificando-se que foram deixados vários exemplares desta espécie em particular na zona poente, que sofre principal influência dos ventos com salsugem que advêm do mar. Possui, assim, tanto funções utilitárias como estéticas, sendo que esta espécie, por um lado, pela sua rusticidade e plasticidade ajuda a criar um contraste com o elemento construído, mas por outro exerce um enquadramento com a paisagem envolvente, ajudando-o a pertencer a um todo.

4. CONCLUSÕES

A Casa Pinto de Sousa constitui um dos mais emblemáticos projetos de Alcino Soutinho, um dos grandes arquitetos do panorama português. Detentora de uma arquitetura funcional e específica para o cliente e território onde se integra, o projeto exibe uma forte conexão com a paisagem envolvente, a qual condicionou, inspirou e se veio a reunir com a obra finalizada, formando um ambiente único e harmonioso que permite uma vivência de tranquilidade, bem-estar e ligação com a natureza.

Partindo da premissa de que toda a arquitetura se relaciona, de forma mais ou menos assumida com a envolvente, tentou-se, ao longo deste trabalho, encontrar as formas de relação e integração entre o natural e o construído, assim como verificar a forma como a paisagem influenciou a conceção do projeto e a própria vivência da obra.

A análise da paisagem numa escala mais abrangente mostra fortes condicionantes à construção, num território com elevado valor ecológico e ambiental, porém de grande fragilidade, nomeadamente sujeito à erosão costeira e inundação pelas águas do estuário do Rio Cávado. Além disso, a zona de restinga, onde se situa, forma uma barreira de proteção à cidade de Esposende, o que incrementa grandemente as funções ecossistémicas desta área.

Construída nos anos 80, numa época precoce do planeamento territorial em Portugal, a casa seguiu a tendência edificativa de habitação secundária (para férias) que imperava e continua a predominar no local, marcada pelas habitações isoladas em lotes de grandes dimensões, que evidenciam, na sua generalidade, qualidade estética e construtiva nas formas, volumes e escala dos edifícios, resultando numa zona urbana de caráter muito vincado, onde o edificado surge enquadrado na envolvente natural.

Numa escala mais aproximada, é notória a relação entre a moradia e o pinhal envolvente, o qual foi “mantido” na propriedade, com a conservação de alguns exemplares vegetais, pelo seu aspeto estético, funcional e mesmo protetor. Ocupando uma posição de relevo, num amplo relvado pontuado por árvores, a habitação mostra uma estreita relação com o jardim, enfatizada pelas grandes janelas e óculos elevados que permitem diferentes perspetivas para o exterior, como se de quadros de “natureza viva” se tratasse. Através das janelas, o jardim parece prolongar-se pelo interior da casa, tornando-se ele próprio, numa divisão da habitação.

Assumida pelo autor, na conceção do projeto, assim como na utilização quotidiana por parte dos habitantes, a relação entre a arquitetura e a natureza resulta numa união harmoniosa, singela e despretensiosa, formando uma paisagem de contraste, mas também integração.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APA – Agência Portuguesa do Ambiente. (2021). *Programa da Orla Costeira Caminha-Espinho.*

Conselho da Europa (2000). *Convenção Europeia da Paisagem.*

Cremascoli, R. (2013). *Alcino Soutinho.* Verso da História.

Diogo, B., Andrade, A. e Menezes, V. (2021). *Casa Pinto de Sousa.* FAUP.

Figueira, J. (2002). *Escola do Porto: Um Mapa Crítico.* Ed. DARQ.

Gomes, P., Botelho, A. e Carvalho, G. (2002). *Sistemas dunares do litoral de Esposende*. Universidade do Minho.

ICN – Instituto da Conservação da Natureza (2008). *Plano Setorial da Rede Natura 2000*.

ICN/DHVFBO (2007). *Plano de Ordenamento e Gestão do Parque Natural do Litoral Norte*.

Jellicoe, G. e Jellicoe, S. (2000). *The Landscape of Man*. Thames & Hudson.

Meason, G. L. (1828). *On the Landscape Architecture of the Great Painters in Italy*. C. Hullmandel's Lithographic Establishment.

Moreira, R. R. (2020). *AS CASAS DE ALCINO SOUTINHO, estudo das habitações unifamiliares entre 1963 a 2003*. [Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Ciência e Tecnologia, Universidade Fernando Pessoa] Repositório Institucional da Universidade Fernando Pessoa. <http://hdl.handle.net/10284/8693>

Oliveira, M. (2014). *Determinantes do Desenvolvimento do Pinhal Bravo em Áreas Dunares (Dunas de Mira)*. [Dissertação de Doutoramento em Geografia, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra].

Parker, C. (1984). *Building with landscape*. Boston, Massachusetts Institute of Technology.

Sousa, E. M. (2020). *Pinheiro-bravo: a conífera mais abundante em Portugal*. Florestas.pt. <https://florestas.pt/conhecer/pinheiro-bravo-a-conifera-mais-abundante-em-portugal/>

Soutinho, A. (1984). *Habitação unifamiliar em Fão, Esposende – Pinto de Sousa*. Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva.

Venda, S. (2019). *Entre Mar e Rio: As dinâmicas sociais da vila de Fão representadas no tempo*. [Dissertação

de Mestrado em Arquitetura, Escola de Arquitetura, Universidade do Minho].